

Presentes são coisas transitórias. Mas o amor dos pais por vocês, filhos e filhas, não cessa nunca. Vocês são o melhor presente que a gente poderia receber

Melhor do que casemira inglesa

Da primeira vez que fui a Londres, resolvi trazer um presente para meu pai. Ternos de casemira inglesa estavam na moda, então, e achei que um corte desse afamado tecido seria uma boa lembrança. Depois de uma longa pesquisa encontrei finalmente uma casemira que me pareceu estupenda e que trouxe para Porto Alegre com muito orgulho. Meu pai olhou o presente e fez um único comentário:

– No Bom Fim tem melhor.

Esta é uma história. A outra é a de meu amigo, o doutor Simão Piltcher, que costumava convidar o pai dele para o almoço. É preciso dizer que o doutor Piltcher é um cozinheiro de mão cheia e que seus pratos são famosos. Quando, porém, perguntava ao pai o que tinha achado do almoço, a resposta era, como no caso do meu pai, lacônica:

– Não deu pra se envenenar.



Isso mostra como é difícil dar presente a pais, pelo menos a certo tipo de pais. Trata-se, em geral, de homens que passaram dificuldade, que criaram os filhos com muito sacrifício. Estas pessoas não entendem aquilo que consideram desperdício, uma ampla categoria que inclui coisas como presentes no Dia dos Pais. Dia dos Pais? Que história é essa? Pai não pode ter o seu dia. Aliás, pai não pode nem fazer aniversário; conheci pais que, no dia do natalício, tinham de ser lembrados da data.

Agora: que fenômeno psicológico é este pelo qual a pessoa não pode receber presentes ou homenagens? Isso tem um nome. Chama-se culpa. Culpa, sim. Vocês vão perguntar: mas como po-



de alguém que trabalhou, que deu duro, que se sacrificou, sentir culpa? Culpa de quê?

Bem, em primeiro lugar é preciso dizer que culpa não precisa muita motivação. Mas os pais, e sobretudo os pais imigrantes, estes sempre encontraram motivos para se sentirem culpados. Tinham deixado para trás um Velho Mundo de sofrimento e miséria para recomeçar a vida no Brasil – o que, em muitos casos, tinha se revelado uma história de sucesso. E deste sucesso nascia a culpa. Porque, afinal, para trás tinham ficado também parentes, amigos, gente que em muitos casos acabou sendo vítima de perseguições e de guerra. Escapar a este destino, como o faziam os que para cá vinham, resultava em culpa. Uma culpa não raro atroz, que fazia do presente uma acusação.



Mas havia uma outra razão para culpa diante

de um presente de Dia dos Pais. Porque filhos presenteando os pais é uma inversão da ordem natural. O pai é que tem de dar coisas para os filhos (coisas úteis, bem entendido. Nada de frescuras). Pai recebendo presentes era uma inversão da ordem natural, semelhante a um cruel dito que muitas vezes ouvi na infância: quando o pai ajuda o filho, alegra-se o pai e alegra-se o filho; quando o filho ajuda o pai, chora o filho e chora o pai.

Esse tempo passou, mas a culpa continua presente. Portanto, quero dizer uma coisa aos filhos que, nesse Dia dos Pais, se aborrecerão com a indiferença dos genitores diante dos presentes. Isso, pessoal, não tem importância alguma. Presentes são coisas transitórias. Mas o amor dos pais por vocês, filhos e filhas, não cessa nunca. Vocês são o melhor presente que a gente poderia receber. Vocês, posso garantir, são melhores do que qualquer casemira inglesa comprada na Oxford Street.